

Outro ponto a ser destacado é que essas novas atividades deveriam ser algo que o indivíduo considerava prazeroso; entretanto, para grande parte dos entrevistados, deveria também ser algo que trouxesse algum retorno financeiro. Esse retorno seria mais como uma complementação, uma vez que, é importante salientar, a preocupação com uma possível redução salarial praticamente não permeava o discurso dos entrevistados, a não ser quando um ou outro entrevistado fazia menção a uma hipotética mudança nas regras previdenciárias, visto que servidores públicos, próximos do período da aposentadoria dificilmente seriam afetados por quaisquer mudanças de regras⁶:

Tô dizendo, é uma atividade diferente, que eu nunca fiz, que vai também me ajudar no orçamento, é um dinheiro a mais que entra né. (Entrevistada 2, funcionária, 57 anos).

Eu acho fundamental fazer uma atividade que, ao mesmo tempo vou gostar de fazer e também eu vou ter algum retorno financeiro. Não precisa ser muito não, não faço questão de ser muito não. (Entrevistada 10, professora, 50 anos).

Essa necessidade de buscar uma nova atividade poderia estar ligada à visão de trabalho que essas pessoas tinham. Na perspectiva delas, o trabalho é visto como essencial à vida do indivíduo, é algo que traz dignidade para o ser humano e que deveria ser feito com amor:

Trabalho dignifica o ser humano, é o trabalho né, a única coisa que dignifica o ser humano é o trabalho. (Entrevistado 11, professor, 60 anos).

Trabalho é a realização, o trabalho é vida, sabe? Quem tem trabalho é uma coisa que realmente preenche o tempo, o lazer, é uma continuação de vida. (Entrevistado 12, funcionário, 49 anos).

Eu não imagino uma pessoa nascer e não trabalhar, ficar totalmente, viver as custas de outras pessoas. A pessoa não tem função na vida. (Entrevistado 15, funcionário, 60 anos).

Dentro da perspectiva de que o trabalho é essencial ao ser humano, é interessante levantar a questão do trabalho doméstico, definido como aquele trabalho

invisível, que, por não ser remunerado, não merece ser chamado de trabalho. É o que Offe (1989) denomina hierarquia entre atividades “nobres” e “vulgares”. Esta divisão poderia ser aplicada aos entrevistados, os quais em seus discursos, repudiavam a possibilidade de ficar em casa, como se visualizassem aí uma vida improdutiva. Nesse sentido, não se observou diferença entre homens e mulheres:

Então, eu acredito que eu não vou agüentar parar, eu nunca tive, nunca, desde que eu me entendo por gente, nunca fiquei em casa. (Entrevistada 2, funcionária, 57 anos).

A pessoa quando aposenta, a família não tá mais com ele, tá ele e a mulher só, né. Então não há necessidade de voltar para casa cuidar de família não. (Entrevistado 17, funcionário, 64 anos).

Além da remuneração que receberiam como aposentadoria, outro ponto que foi considerado como uma vantagem pela maior parte dos entrevistados foi a flexibilização dos seus horários, que permitiria a eles escolher quando e como desenvolver suas novas atividades:

Então, esse negócio de não ter horário, isso pra mim vai ser uma libertação, tá! (...) Eu só vou ganhar a liberdade de horário para ir onde eu quero, sair, ir aonde eu quero, né. (Entrevistada 5, professora, 60 anos).

Agora se ela precisa acho que ela vai trabalhar, mas manerado, né, não levantar da cama de manhã 6 horas, 7 horas, tem que ser no horário que ele quiser, ele que vai fazer, é no horário que ele quiser. Quer chegar lá 8, 9 horas, chegar 1 hora, 2 horas, pode ir embora para casa, tem que trabalhar por conta própria, tá. (Entrevistado 6, funcionário, 53 anos).

Para aqueles que viam a aposentadoria como algo negativo, a idéia de se aposentar foi relacionada com a idéia de fim, tanto de vida quanto da capacidade de produzir. Do ponto de vista deles, a aposentadoria deveria ser uma escolha do indivíduo que não estivesse bem fisicamente para continuar trabalhando. Essa relação aposentadoria/fim de vida é destacada por Santos (1990), que coloca que a idéia de fim de vida

profissional passa a ser a concretização da finitude do ser:

É tá perto do fim, eu acho que quando chega aposentar já, é o fim de carreira mesmo, de tudo né, da saúde, de tudo da vida. (Entrevistada 3, funcionária, 65 anos).

... talvez o cara não devesse ter a compulsória aos 70 anos, que obriga o indivíduo a parar, você pode ter um cérebro maravilhoso aos 70 anos e o governo obriga a ir para casa.... (Entrevistado 13, professor, 60 anos).

Em oposição à “neutralidade” com relação à aposentadoria, o indivíduo aposentado é visto de forma negativa. Nesse sentido, foram encontradas associações de aposentado com doente, aquele que está no fim da vida, mercedor de dó, velho, acomodado, esquecido por todos, etc:

Eu acho assim, que no serviço, aposentou acabou. Igual uma pessoa doente, você ficou doente, inválida, ninguém lembra de você mais, só a família mesmo, né. (Entrevistada 3, funcionária, 65 anos).

De uma forma geral, você vê as pessoas, aposentam, ficam num cantinho e passam a não ser reconhecidas mais porque não estão fazendo mais nada. Ficam pessoas mortas dentro da sociedade. (Entrevistado 15, funcionário, 60 anos).

Essa turma que tá aposentando com 42, então eles estão começando a 3ª idade deles aos 42, 40, na medida em que eles estão aposentando. (Entrevistado 13, professor, 60 anos).

Durante as falas, os entrevistados apresentaram o que, do ponto de vista deles, seria a “solução” para evitar essas armadilhas:

Eu acho que aposentar, eu acho que como eu penso, eu acho que as pessoas também devem aposentar, deve de pensar também em alguma coisa, procurar alguma coisa que esquece essa aposentadoria, fazer de conta que eu estou numa atividade e que eu não estou aposentado. (Entrevistada 1, funcionária, 53 anos).

Nessa perspectiva, é interessante destacar o que,

segundo uma entrevistada, seria um aposentado:

Então eu vejo 2 casos, aquele que aposentou e aquele que pegou emprego e nem parece aposentado. Então pra mim aposentado é aquele que realmente parou de trabalhar, não quer mais trabalhar, não quer nenhum emprego. (Entrevistada 10, professora, 50 anos).

Um aposentado seria, então, aquela pessoa que não gosta de trabalhar, é aquele que prefere ficar em casa a continuar produzindo. A lógica inerente a esse pensamento parece ser “se eu trabalho, por que devo ser chamado de aposentado? Ainda sou ativo, ainda posso ser útil à sociedade!”.

Velho/velhice/envelhecimento na perspectiva dos servidores pré-aposentados

Com relação ao velho e a velhice são os aspectos negativos que foram lembrados em grande parte de suas falas, o que leva a inferir-se que compartilhavam do que Junqueira (1998) definiu como representação social negativa da velhice, que, segundo a autora, permearia nossa sociedade. Assim, na fala dos servidores foram encontradas referências ao velho como alguém doente, incapaz fisicamente, desanimado, dependente, frágil, feio, solitário, acomodado etc. Essa associação velhice/doença também foi constatada por Ribeiro (1999) entre os idosos por ela entrevistados:

Ser velho para mim é uma pessoa que já não tá agüentando andar mais, que já não sabe o que tá falando mais, pra mim é velho. (Entrevistado 6, funcionário, 53 anos).

Velho são aquelas pessoas que já tão, assim, praticamente desanimada, já parou com a vida. Pra ele não tem atividade nenhuma mais, parece uma pessoa doente... (Entrevistada 1, funcionária, 53 anos).

Eu acho assim, que é mais questão de decadência física, eu acho que a coisa que mais me incomoda é isso, né, decadência física e junto com ela, por exemplo, perda de memória, né... (Entrevistada 10, professora, 50 anos).

Notou-se, nesses discursos, certa ambigüidade, pois

o velho deveria ser considerado uma pessoa igual aos jovens, mas, ao mesmo tempo, as diferenças não foram esquecidas:

...acho que velho é uma pessoa normal, uma pessoa como outra qualquer. Não assim com as mesmas facilidades, igual uma pessoa mais nova, mais jovem porque as forças já são diferentes, já são mais frágeis, mas para mim é uma pessoa igual a todas. (Entrevistada 2, funcionária, 57 anos).

Dentro dessa perspectiva negativa, a velhice tornar-se-ia um período da vida que poderia ser caracterizado como triste, em que irão imperar as perdas e a solidão:

É, a pessoa vai perdendo, né, vai perdendo, fica mais dependente de outras pessoas, a pessoa vai ficando velha não vai enxergando mais, você não vai ouvindo mais, fica sentindo mais dificuldade de se locomover, né. Então eu acho a velhice um pouco triste, entendeu? Eu acho um pouco triste, no sentido de você perde o seu vigor físico e sua cabeça está ótima, né. Mas tudo às vezes, coisas assim, às vezes seu marido morre, você tem que ficar dependente de filho, né. Às vezes vai atrapalhar até a família, sei lá, né, então a velhice é um pouco triste. (Entrevistada 9, professora, 53 anos).

Comparando essas falas com os depoimentos dos idosos entrevistados por Ribeiro (1999), nota-se que para eles a velhice não era vivida como um processo contínuo de perdas, mas, sim, como um período da vida em que se podiam vivenciar, positivamente, as experiências.

A solução para os entrevistados estava, então, em manter a mente ou o espírito jovem. Se a mente estiver ativa, jovem, a pessoa não envelhece, mesmo que seu corpo dê sinais de desgaste:

...a gente fica velho só de tecidos, mas de idéias sempre novas, não existe velhice. (Entrevistado 11, professor, 60 anos).

Se você achar que está velho é porque está velho mesmo, 60, 70, tem as pessoas aí com 90 anos e tem uma cabeça, né, muito melhor do que muitos jovens. (Entrevistado 12, funcionário, 49 anos).

A lógica inerente a essa afirmação seria a supervalorização, em nossa sociedade, do novo, do jovem. Nesse sentido, até o espírito teria de ser jovem; seria talvez algo semelhante ao velho ditado popular “negro de alma branca”:

Ela se vê não só pela idade, pela competência física, como o próprio ambiente de trabalho tem uma tendência a desmerecer opiniões de pessoas com mais experiência, porque o novo seduz, tudo que é novo apaga o vestígio da idade, então se você sempre incentivar o novo é como se você estivesse renascendo. (Entrevistada 16, professora, 56 anos).

Há, então, por parte dos entrevistados, uma recusa em se admitir como velho, já que no seu caso se viam como tendo uma cabeça jovem, com atitudes jovens:

Porque sou capaz de fazer tudo o que um jovem faz, (...) o mesmo ritmo, a mesma disposição, não tem exceção nenhuma para mim. (Entrevistada 5, professora, 60 anos).

Essa negativa é perpassada também pela recusa em utilizar palavras como velho e 3ª Idade para definir os indivíduos mais vividos:

Por isso que eu disse que eu falei pra você antes que terceira idade é meio discriminado, discriminador né, terceira idade você imediatamente, sua imagem mental é de uma pessoa que já está fora, é como se fosse uma gorjeta. (Entrevistada 16, professora, 56 anos).

Mesmo quando se encontraram servidores que se definiam como velhos, o critério adotado era ou a idade cronológica ou, então, a “feição” da velhice, o que na visão deles mereceria ser criticado:

“A pessoa velha vai ficando uma pessoa mais chata, feio, caindo né, é diferente. Você olha pra um jovem e pra um velho até a fisionomia é muito diferente. (...) a gente olha no retrato da gente mais novo e vê a gente hoje, eu falo Nossa Senhora, eu mesmo me critico, como é que a gente tá feio, hein!” (Entrevistada 3, funcionária, 65 anos).

O envelhecimento, contudo, foi definido, pela maioria dos servidores, de forma neutra; foi visto com um processo biológico, uma das etapas da vida